

O Pharol: notícias da Revolução Farroupilha pela pena de um ferreiro¹²

Aline Strelow³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

Resumo

O presente trabalho integra pesquisa nacional com o objetivo de desvendar a *ordem comunicacional manuscrita* no Brasil do século XIX e início do século XX. Neste artigo, nosso foco está no Rio Grande do Sul, na cidade de Santo Antônio da Patrulha, onde circulou, na década de 1840, o jornal *O Pharol*, nosso objeto de estudo. A análise tem como base a História Cultural. A abordagem metodológica combina as pesquisas bibliográfica e documental. Redigido pelo ferreiro Eleutério José Ferreira Mendes, *O Pharol* tinha motivação política, propunha-se a atualizar os patrulhenses sobre os acontecimentos da *Revolução Farroupilha*. Nesse sentido, alinha-se à parte importante dos manuscritos brasileiros e também a folhas impressas que circularam no período, criadas com o intuito de dar voz a diferentes posicionamentos políticos, relacionados tanto a questões nacionais quanto regionais.

Palavras-chave

História do Jornalismo; Jornais manuscritos; História da Imprensa no Rio Grande do Sul; O Pharol.

A revolução impressa, que chegou tardiamente ao Brasil no século XIX, instaurou uma nova ordem comunicacional. Os jornais, especialmente após a década de 1820, se proliferavam em um país de maioria analfabeta, tornando-se, assim, meios importantes para a difusão de notícias, textos opinativos e produções literárias. Seja pela leitura individual e silenciosa dos poucos letrados, seja pela leitura oral e coletiva, a produção “jornalística” da época tinha impacto relevante entre a população e atuava na disseminação de saberes os mais diversos.

Mas, por maior que fosse a euforia com a nova técnica, em paralelo aos jornais impressos, circularam folhas produzidas artesanalmente, escritas à mão, normalmente a bico de pena. Os jornais manuscritos, de acordo com Barbosa (2012), inicialmente supriam

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Este trabalho contou com a colaboração da estudante de Relações Públicas Marília Pinto Fernandes, aluna da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS).

³ Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS). Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Realizou pós-doutorado em Comunicação na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS.

a falta de tipografias e eram a saída encontrada por muitos publicistas para fazerem circular suas ideias. No entanto, mesmo depois da máquina impressora, muitos deles continuaram a ser editados. O período que vai da segunda metade do século XIX ao início do século XX foi aquele em que circulou o maior número de jornais manuscritos no Brasil.

Trata-se de temática pouca estudada e que começa agora a ser desbravada em pesquisa de abrangência nacional, capitaneada por Marialva Barbosa. Com uma equipe de pesquisadores distribuídos pelas diferentes regiões do país, estamos buscando compreender aquilo que Barbosa (2012; 2014) tem chamado de *ordem comunicacional manuscrita*.

No presente trabalho, nosso olhar se volta para o Sul do Brasil, onde surgiu, na década de 1840, o jornal *O Pharol*. Dessa folha, redigida por um ferreiro de *ótima caligrafia*, não restaram edições ou imagens, mas seus vestígios inscritos na história de Santo Antônio da Patrulha, cidade onde circulou, ajudam a compor o quadro dos manuscritos no país.

Uma história cultural dos manuscritos

A rede de textos formada pelos jornais escritos à mão, como reflete Barbosa (2014), se articula em função de um desejo de jornalismo existente na sociedade e materializa uma ordem comunicacional com características que muitas vezes se repetem. Nossa análise do jornal *O Pharol* tem como base a História Cultural. A abordagem metodológica combina as pesquisas bibliográfica e documental, através de consulta aos acervos da Biblioteca Municipal de Santo Antônio da Patrulha e do Museu Antropológico Caldas Júnior, também nesta cidade.

As imprecisões e lacunas que marcam esse percurso nos remetem à Ricoeur (1961, p. 226): “A história é realmente o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o trabalho do historiador. Ela justifica todas as suas incertezas. O método histórico não pode ser mais que um método inexato”. De acordo com ele, embora queira ser objetiva, a história não consegue sê-lo – ao invés de fazer reviver, ela só pode reconstruir. Essas dificuldades, para o autor, não são vícios do método, mas equívocos bem fundamentados. Isso não significa que o pesquisador escreva sobre fatos que não aconteceram, ou pelo menos não daquele modo, mas que o sujeito pesquisador está sempre presente na análise empreendida.

O horizonte da objetividade, que deve ser o do pesquisador, não deve ocultar o fato de que a história é também uma prática social.

Quando se trata de jornais manuscritos, em especial, essa reflexão é de fundamental importância. Seguimos o rastro de jornalistas, periódicos e leitores de um outro tempo, mas esse rastro é repleto de espaços vagos. Como salienta Barbosa (2007, p. 18), é a partir de restos e vestígios que chegam do passado ao presente que podemos recontar as histórias que envolvem prioritariamente as ações comunicacionais do passado. Nosso objetivo é, através da articulação de nossas pesquisas regionais, compreender como estava organizado o sistema de comunicação manuscrito no Brasil. Nossa história, assim, é história da comunicação.

No caso do jornal *O Pharol*, nosso objeto de estudo no presente texto, temos um período singular – fartamente estudado por pesquisadores, com diferentes e, por vezes, opostos, olhares. O jornal circulou durante a *Revolução Farroupilha*, uma das mais longas revoltas brasileiras.

Notícias da Revolução Farroupilha

A monarquia centralizada, estabelecida em 1822, com a independência política, foi alvo de movimentos revoltosos vindos de diversas regiões do Brasil. De um modo geral, esses movimentos lutavam por maior autonomia das províncias. No Sul do país, em 1835, eclodiu o mais longo desses conflitos, a *Revolução Farroupilha*. Nesse movimento, como explica Pesavento (1985), os senhores de terra, de gado e de escravos do Sul manifestaram sua inconformidade com a dominação imposta pelo centro à província.

O Rio Grande do Sul tinha a sua economia baseada na criação de gado e na fabricação de charque, produto este que era exportado para o resto do país, onde era comprado pelos fazendeiros para a alimentação de seus escravos.

Os rio-grandenses acusavam o centro de prejudicar os seus interesses, deixando entrar no Brasil o charque concorrente estrangeiro (uruguaio) para que o produto gaúcho fosse vendido a um baixo preço.

O poder de decisão do centro ia mais além: de todos os impostos arrecadados na província, era a Corte que determinava qual a quantia que poderia ficar no Sul e qual a que deveria ir para o Rio de Janeiro. Era ainda o centro que designava o governante para as províncias, geralmente

um elemento de fora e que não atendia os interesses da região (PESAVENTO, 1985, p. 101-102).

A *Revolução Farroupilha* teve início no dia 20 de setembro de 1835 e durou dez anos, terminando em 1845. Também conhecido como *Guerra dos Farrapos*, o conflito tinha, então, como centro, o movimento contrário ao governo imperial brasileiro, aos altos impostos do comércio de charque e couro e a busca por maior autonomia das províncias.



Reprodução da obra Carga de cavalaria Farroupilha, de Guilherme Litran. O original pertence ao acervo do Museu Júlio de Castilhos.

Trata-se, no Rio Grande do Sul, da primeira revolução que tem como alicerce a imprensa – antes ainda que se deflagrasse e que fosse lançada, em caráter oficial, a imprensa farroupilha propriamente dita, surgiram jornais que atuaram como seus precursores, defendendo, em lados opostos da trincheira, as ideias que dariam corpo à revolução. O processo que originaria a *Revolução Farroupilha* está ligado à gênese da imprensa no estado. No contexto de formação da conjuntura que desembocaria na guerra,

surgiu o primeiro jornal sul-rio-grandense, *O Diário de Porto Alegre*, em 1827, como explica Rüdiger (2003):

A radicalização das contradições entre a Província e a Corte se gestou no contexto maior da reação liberal ao governo absolutista de D. Pedro I. A Assembleia Geral e o Imperador estavam em conflito desde a abertura da primeira em 1826. A classe senhorial brasileira não controlava plenamente o poder, pois o partido português ainda era forte e limitava a circulação das elites nacionais pelo aparelho de Estado.

O papel da imprensa nesse enfrentamento foi significativo, havendo jornais panfletários e radicais circulando em todo o País. O governo respondia subvencionando algumas folhas ou mesmo publicando os chamados jornais áulicos.

O Diário de Porto Alegre foi um deles; seu lançamento foi patrocinado pelo presidente da Província, Salvador José Maciel. (...) As condições de civilização estavam começando a progredir e havia surgido um público letrado que precisava ser levado em consideração, mesmo porque a circulação de boatos e informações contraditórias punham em perigo o próprio exercício do governo (p. 18-19).

Conforme o autor, *O Diário de Porto Alegre* não pode ser considerado jornalístico, mas, no máximo, um boletim oficial, que servia basicamente à publicidade governamental e à publicação dos atos da administração. Porém, a folha abriu caminho para o surgimento de uma série de novos periódicos – logo se instalaram várias tipografias em Porto Alegre e também em Rio Grande. Os jornais que vieram à luz nesse período tinham forte cunho doutrinário, com linguagem virulenta em matérias opinativas sobre questões públicas. “Nesse contexto, não constitui exagero afirmar que a imprensa foi o bastidor intelectual da Revolução Farroupilha”, assegura (p. 21).

Para Rodrigues (VVAA, 1968), pode-se dizer que o movimento revolucionário foi preparado por essa imprensa – seus textos, muito bem redigidos, teriam influenciado seriamente a opinião pública. Rüdiger (2003) alerta, no entanto, para a importância de não se superestimar o papel da imprensa no desencadeamento da guerra: “As folhas em circulação serviram para coordenar as estratégias dos contendores, mas não tinham o poder de persuasão suposto pelos interessados em sua censura”, afirma (p. 22-23). De acordo com ele, não se pode falar, nesse momento, em jornalismo. Esses jornais, contemporâneos de *O Pharol*, eram simples meios de difusão ideológica, carecendo de entendimento orgânico

como parte do campo político. Eram as circunstâncias políticas que determinavam sua existência.

De um modo geral, quando se fala dos primórdios dos meios de comunicação no Rio Grande do Sul e, em especial, dos periódicos publicados antes e durante a *Revolução Farroupilha*, joga-se luz sobre os jornais impressos, já que foram eles os mais numerosos e influentes politicamente. Isso porque a imprensa nascente proporcionou um nível mais abrangente e profundo para o exercício do poder simbólico naquele momento. A chegada da imprensa foi um dos elementos importantes para que, no período, o Rio Grande do Sul passasse a experimentar uma forte agitação intelectual (CESAR, 1971).

Mas o conflito reportado tão ricamente pelos jornais da época não teve espaço apenas nas páginas impressas. Sua história foi contada, também, em periódicos manuscritos, como é o caso de *O Pharol*. Esta folha, redigida pelo ferreiro Eleutério José Ferreira Mendes, trazia notícias da revolta. *O Pharol* era pregado nas portas das tabernas da rua do Vinagre⁴, no município de Santo Antônio da Patrulha.

Tabernas do Vinagre

Santo Antônio da Patrulha foi um dos quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul, condição conquistada ao lado de Rio Grande, Rio Pardo e Porto Alegre, em 1811. Distante 71,9 quilômetros da capital do Estado, recebeu as primeiras escaramuças da revolução um ano depois de irrompida a guerra, conforme Maciel (1970).

⁴ Hoje, Rua Marechal Floriano Peixoto.



A mais antiga fotografia da cidade localizada no acervo do Museu Antropológico Caldas Júnior. Na imagem, a rua Borges de Medeiros, por volta de 1890. Fonte: Acervo do Museu Antropológico Caldas Júnior.

A rua do Vinagre, localizada na parte baixa da cidade, reunia em suas tabernas aqueles que estavam interessados em discutir o futuro do Rio Grande do Sul naqueles tempos turbulentos. Era lá que os portugueses faziam suas reuniões cotidianas, em rodas de aperitivos – a palavra *vinagre*, inclusive, é usada em decorrência dos acontecimentos oriundos dessas reuniões (MACIEL, 1970). A escolha dessas tabernas como espaço para a circulação de *O Pharol* não poderia ser mais propícia.

De acordo com Kury (1995), *O Pharol* era fixado à porta da taberna de Christóvão Chisler, conhecido como Christóvão Alemão. Se essa era a única taberna a receber o jornal, não sabemos. Mas não era raro os jornais manuscritos terem apenas um exemplar, como atesta Salmi-Niklander (2002): “A interação entre oralidade e alfabetização é típica de todos os gêneros orais-literários de tradição local. Jornais foram escritos à mão (na maioria das vezes com apenas uma cópia), mas seus textos transitavam por via oral, através da

leitura em voz alta nas reuniões”⁵, explica. Podemos, assim, imaginar que as discussões da rua do Vinagre eram animadas pela leitura das notícias da guerra, redigidas com esmero pelo ferreiro da cidade nas páginas de *O Pharol*.

A letra bonita do ferreiro

Eleutério José Ferreira Mendes era proprietário de uma ferraria na praça que ficava em frente à Igreja da Matriz, para a construção da qual teria vendido ferros. Com sua *ótima caligrafia*, escrevia à pena os textos de *O Pharol*, que foi o primeiro jornal de Santo Antônio da Patrulha (HESSEL, 1964). Além das notícias sobre a revolução, estavam presentes na folha as novidades do município (MACIEL, 1970).



Foto da Igreja da Matriz. A data da imagem é imprecisa, mas acredita-se que seja por volta de 1900. A obra foi iniciada em 1847. Fonte: Acervo do Museu Antropológico Caldas Júnior.

Mas de que lado do conflito estariam Eleutério e seu jornal? Em um momento em que os periódicos se posicionavam ferozmente, deixando claras suas posições e, também, seus oponentes, é bastante provável que o mesmo ocorresse com *O Pharol*. Sabemos que o

⁵ Tradução da autora.

jornal abordava a *Guerra dos Farrapos*, mas com qual viés? Os vestígios deixados por ele não nos permitem dar uma resposta definitiva para essa questão.

Sabemos, através de Maciel (1970), que, após a pacificação da província, Eleutério concorreu à primeira eleição primária da Câmara Municipal de Santo Antônio da Patrulha. Foi vereador entre os anos de 1845 e 1849, logo depois do término da guerra. Além disso, atuou como advogado, fazendo requerimentos, requerendo inventários, e também no teatro. Nesta última faceta, Eleutério fundou, na cidade, um grupo dramático, ao lado, entre outros, de José Joaquim dos Campos Leão, o cultuado Qorpo-Santo. Com eles, estavam José Cândido de Campos, tabelião, e João Maçaneta, mestre de obras (DIAS, 2012).

Trata-se, assim, de figura proeminente na comunidade, ocupando espaços no comércio, na política, na comunicação e nas artes. Seu pioneirismo na imprensa rendeu-lhe a alcunha de *jornalista patrulhense da revolução* (MACIEL, 1970). E foi por essa experiência inaugural que Eleutério permaneceu na historiografia da cidade e no imaginário local⁶.

Considerações

A motivação para o surgimento de *O Pharol* é política. O jornal se propunha a atualizar os patrulhenses, especialmente os frequentadores da rua do Vinagre, sobre os acontecimentos da *Revolução Farroupilha*. Nesse sentido, encontramos eco nos resultados alcançados na pesquisa de Barbosa (2014) sobre três jornais que circularam no Rio de Janeiro na década de 1860, a saber: *A Careta*, *O Liberal* e *A Braza*. Também nessas folhas, a questão política é a motivação primeira para sua criação.

A escolha de uma ou várias tabernas como espaço para a circulação do periódico é sintomática. Eram esses os lugares que aglutinavam os debates sobre a situação do país e, no Rio Grande do Sul, sobre o destino do conflito farroupilha. Pregado à porta, *O Pharol* poderia ser o balizador dessas discussões, levando aos frequentadores as notícias da guerra.

Percebemos, assim, um paralelo entre os manuscritos e os jornais impressos, que se multiplicavam à época. Em ambos os casos, a política aparece como assunto privilegiado. Eram questões relacionadas ao exercício do poder político que animavam os

⁶ Há, próximo a um dos trevos do município, uma rua que leva seu nome.

“jornalistas” de então, que faziam com que criassem jornais, mesmo que a maioria de vida efêmera.

Com apenas uma ou com reduzidas cópias, os periódicos manuscritos mantinham forte relação com a cultura oral – eram escritos também para serem lidos em voz alta. Mais do que isso, a discussão de seus textos, seja nas tabernas, como era o caso de *O Pharol*, seja nos salões, nas livrarias ou nos cafés, dava vida a um tecido oral construído coletivamente por seus leitores e pelos ouvintes de suas notícias.

Esse desejo de reportar, de contar e persuadir, evidenciado pelos numerosos jornais impressos ao longo do século XIX, mas também pelos manuscritos copiados com letra caprichada, provocava uma mistura de diferentes ordens textuais: a oral, a manuscrita e a impressa. Essa mixagem é resultado dos diálogos íntimos entre esses sistemas, que não apenas coexistem, mas se intercambiam e hibridizam.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História do Jornalismo no Brasil: a ordem manuscrita**. Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza, 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2573-1.pdf>. Acesso em 05/10/2015.

_____. **Os manuscritos do Brasil: cenários de uma escritura**. Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, 2014. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0266-1.pdf>. Acesso em 05/10/2015.

_____. *Meios de comunicação e história: um universo de possíveis*. In RIBEIRO, Ana Paula; FERREIRA, Lucia Maria Alves. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. *Por uma história cultural da imprensa*. In Alceu – Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Vol. 2, nº 1, Julho de 2008.

_____. *Múltiplas formas de contar uma história*. In Alceu – Revista do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Vol. 10, nº.20, Janeiro a Julho de 2010.

BARROSO, Vera Lucia M. Barroso; LAUCK, Fernando R. **Raízes: 1809-2009, 200 Anos da Criação do Município de Santo Antônio da Patrulha**. 2012.

DIAS, Maria Aparecida Ramos. **Qorpo-Santo à luz do trágico em Nietzsche**. Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2012. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71564/000879599.pdf?sequence=1>. Acesso em 05/10/2015.

HESSEL, Lothar. **Imprensa gaúcha**. *Correio do Povo*, 10 de setembro de 1964.

KURY, Affonso Penna. **Santo Antônio da Patrulha – Uma visão apressada**. Porto Alegre: 1995.

MACIEL JÚNIOR, José Maciel. **Reminiscências da minha terra: Santo Antônio da Patrulha**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1970.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Revolução Farroupilha**. *Boletim Gaúcho de Geografia*, 13 – 101-102. Agosto, 1985.

RICOEUR, Paul. *Histoire de la philosophie et historicité*. In ARON, Raymond (org.). **L’histoire et ses interprétations. Entretiens autour d’Arnold Toynbee**. Paris: Mouton: 1961.

RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SALMI-NIKLANDER, Kirsti. **Crooks and heroes, priests and preachers. Religion and socialism in the oral-literary tradition of a Finnish-Canadian mining community**. Lives, histories and identities, University of Tartu, 2002.

SILVA, Jandira; CLEMENTE, Ir. Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa sul-riograndense**. Porto Alegre: Corag, 1986.

VVVA. *Enciclopédia Rio-Grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1968.